

A EXPERIÊNCIA CLÍNICA COMO LIMITE

Mônica Palácio

(...) sendo a vida um constante fluir, ou seja, algo em perpétua mutação, a linguagem também deve constantemente evoluir. Como tudo na vida, as formas da língua também envelhecem e se tornam completamente inexpressivas após uso prolongado: palavras perdem o seu significado originário, expressões se tornam obsoletas, construções sintáticas caem em desuso e são substituídas por outras. Cabe então ao escritor, consciente de sua missão, refletir sobre cada palavra ou construção que utiliza e fazê-la recobrar sua energia primitiva desgastada pelo uso. Em outras palavras, ele tem de revitalizar a linguagem. E é este processo de revitalização que Guimarães Rosa emprega em suas obras, conforme ele mesmo declara, ao afirmar: "... meu método ... implica na utilização de cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer, para limpá-la das impurezas da linguagem cotidiana e reduzi-la a seu sentido original. (Eduardo F.Coutinho, "Fortuna Crítica", vol. 6, In Guimarães Rosa, Civilização Brasileira, p.202.)

A citação que acabamos de ler bem poderia ser dita assim:

Cabe ao analista consciente de sua missão, ao *ler/escutar* o que seu analisante lhe fala, refletir sobre cada palavra ou construção utilizada por ele, e pela interpretação fazê-la recobrar sua energia primitiva desgastada pelo uso.

Quanto à importância da arte, sobretudo a literária, Lacan nos diz em seu trabalho de releitura de Freud, *A coisa freudiana*, enunciando a partir de então um princípio que criou o que por ele foi chamado *Movimento de Retorno a Freud*, em 1955:

Que a história da língua e das instituições, bem como as ressonâncias – atestadas ou não na memória – da literatura e das significações implicadas nas obras de arte sejam necessárias ao entendimento do texto de nossa experiência é um fato que Freud, por ter ele próprio tirado delas sua inspiração, seus métodos de pensamento e suas armas técnicas, atesta tão maciçamente que é possível tocá-lo ao simples folhear de sua obra.

A leitura de *O Banquete*, de Platão, permitiu extrair o *agalma* e construir o seu conceito de *objeto a*. Da leitura de *A carta roubada*, de Edgar Allan Poe, extraiu literalmente *a lógica do significante e o automatismo de repetição*. Com a de Sade, Kant e Sófocles, *reformulou a ética da psicanálise*, e de forma chistosa podemos dizer que nos transmitiu um imperativo categórico em *Cante com Sade*. Com a de Shakespeare, orientou-nos sobre *o desejo, a morte e o luto*. Com Claudel, na *Trilogia dos Couffontaine*, reformulou a tragédia na modernidade, com *a lógica da intriga política e eclesiástica se substituindo à função do oráculo*. Com Joyce, em particular *Ulisses*, formulou o conceito de *Sinthoma, como a quarta consistência do enodamento borromeu*, e que a partir de então se constituiu no *nó laciano* ou do *Sinthoma*. E, para não nos alongarmos, renunciou, em 1972, um fecho de ouro no *Aturdido* ao rebatizar seu texto fundador de *Ficção e Canto*".

Ainda em 1953, em *Função e Campo*, Lacan, ao se referir à fala do analisante, o enunciante no curso de sua análise, denominará pelo étimo grego *epos* o processo, dizendo ser ali (...) *onde o sujeito, ao passar ao verbo, relaciona com o momento presente as*

Revista Veredas

origens de sua pessoa. Ou seja, retomando a tradição da oralidade, de uma forma rudimentar de canto épico, de relatos de uma história, que, para o psicanalista, como bem sabemos, é heroicizada pelo analisante quando nos fala de si mesmo.

Há aqui um senão, pois o analista estará atento ao ato de escuta e interpretação não tendo mais que seu **saber-fazer**, o que não lhe permite a reflexão, a não ser **a posteriori**. E é nesse **a posteriori** que o analista, cômico dos seus atos e pela disciplina da psicanálise, e por esses responsável, deve calibrar sem descanso sua **leitura/escuta** referenciando-a cada vez mais com as experiências que lidam com a linguagem.

Ao considerar dessa forma estamos tomando a linguagem como um patrimônio simbólico da cultura enquanto que a psicanálise será então tomada como um patrimônio simbólico do humano que ali está diante de nós analistas, revitalizando suas condições de enunciação para dar conta de seu tratamento, mas também, **a posteriori**, agregando à língua novos vocábulos, novas saídas sintáticas, o que estaria incluído como efeito do que Lacan chamou de **discursos**, ou seja, a maneira própria de estabelecimento de um laço social.

A prática clínica de um tratamento trabalha no limite da própria dissolução da língua que, ao ter que expressar a injunção de um desejo, é da ordem do inesperado, do imponderado e mesmo do que seria indizível fora do dispositivo analítico. E para que não percamos o passo de nosso trabalho, para que possamos responder com a escuta e eventual interpretação à urgência de nosso analisante, é necessário que nosso **saber-fazer** possa suportar as necessidades de sua expressão. Assim, nós mesmos somos chamados a criar condições, se não as ideais, mas as melhores que estejam ao nosso alcance, para a devida atualização, com referências pontuais da evolução da linguagem, sejam na literatura, na poesia ou simplesmente no uso coloquial do que encontramos no nosso dia-a-dia. Lacan chamará a isso no **Discurso de Roma** de **gaio saber**, ou seja, a renovação **da extensão que informa a intensão**.

Foi buscando essas referências que, além do estudo dos textos clássicos da psicanálise, nos debruçamos na leitura de Joyce, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Edgar Allan Poe, dentre outros, que são escritores que, de maneira própria a cada um, lidam com a tensão máxima da linguagem, fazendo com que a língua possa responder ao que é necessário para a expressão no curso de suas narrativas.

Concomitante a Lacan, essa evolução na elaboração da linguagem conceitual é por demais evidente no interior mesmo do ensino, em seu procedimento teórico. Tivemos um momento em que sua formulação, exigiu a passagem concernente ao **código da língua** para o **tesouro dos significantes**, que subverte a noção tanto de escuta quanto de interpretação, evoluindo de uma **decodificação** para uma noção de **decifração**.

Decifrar o enigma do desejo seria considerar que há uma possibilidade de que a enunciação, que, ao se efetivar numa fala, o que temos para além do chamado material bruto é uma **charada**, um **rébus** ou **logogrifo** para que desvelemos pela interpretação as cifras que escreveram a história do sujeito apesar dele mesmo. Isso nos interroga sobre os limites mesmo da língua, de sua expressividade, no que rompe com sua estrutura de código e a direciona a uma tensão que, para ser conforme a expressão do desejo, estará em constante ruptura, através de construções de neologismos, revitalização de expressões em

Revista Veredas

desuso, formas desgastadas que exigem de nós uma busca de referência para dar-lhe suporte adequado. É com esse intuito que elaboramos o presente trabalho, com traços de um trabalho clínico e de sua análise que nos trazem a riqueza inesgotável da combinatória significativa de nossa língua, para se fazer conforme a expressão de um sofrimento, a formulação de uma queixa e mesmo a expressão do gozo do imponderável, do inusitado. Ou seja, o gozo do sintoma.

Possivelmente outros analistas poderiam falar de casos trágicos, dramáticos ou espirituosos de um seu analisante que, apesar de sua fala, da posição de seu desejo, dizem que rompe com os limites do razoável gramaticalmente e expõem em toda sua riqueza a combinatória inesgotável de um tesouro de significantes que lhe é desconhecido, e que surge na urgência de um ato, que, para além de servir ao analisante para a expressão de seu desejo, passa a constituir posteriormente, desde que faça parte do trabalho entre analistas, um patrimônio da cultura e revitaliza a língua em seus usos e costumes, seja de ordem vocabular ou sintática, da qual somos depositários. Freud assim considerava, como vemos em sua colheita de exemplos para a *Interpretação dos Sonhos*, posteriormente para *O dito espiritual e suas relações com o Inconsciente*, e *Psicopatologia da vida cotidiana*. Sonhos, lapsos, construções espirituosas, chistes ele os recolhe e os torna um patrimônio circulando pela linguagem, expondo-nos o próprio gênio inventivo da língua. Quem não se referencia a *Signorelli e Familonário*? Ou não usa expressões derivadas de conceitos analíticos? O único senão é que na escuta analítica o significante é sincrônico e pontual, então a referência aqui nada mais é que uma exposição de possibilidades expressivas contida na virtualidade da língua, mas refletidas muitas vezes *a posteriori* de seu acontecimento.

Lacan pouco falou de seus casos clínicos, com a exceção de Aimée, mas nem por isso deixou de abordar a clínica, referindo-se a casos de outros analistas inclusive de Freud. Em seu ensino pontuou de maneira constante os grandes casos freudianos, e de outros analistas com destaque especial do famoso *Homem dos miolos frescos*, de Ernest Kris, que permitiu a ele repensar a questão do *acting-out* e da *passagem ao ato*.

Para dar partida ao nosso trabalho aqui, cito o dito de um marido que de *traidor foi traído*, ferido em seus brios de machista nordestino. O casal aceitara fazer um *pacto de não agressão*, que nada mais era que uma denegação dos fatos. Ele aceitou *a traição*, mas, como veremos, muito mais ele a desconheceu, e conta então que sua mulher, que é italiana, foi acometida de uma grave cistite que lhe obstaculizava as relações sexuais. Isso não deixou de lhe provocar contentamento, pois assim ele não teria de naquele momento conviver com o adultério dela, e ainda poderia dar livre curso às suas aventuras. Ele relata, então, que ela lhe pediu para que lhe comprasse um *piródio*, sem se dar conta de que o lapso que lhe tomava, que atropelava seu dizer, dizia de seu sentimento sempre denegado em relação à sua mulher, seu desejo de morte, do *fogo* de seu ímpeto desejoso e autopunitivo e de seu *ódio*, já que o medicamento para cistite é simplesmente o *pirídio*. Ao desconcerto do acometimento seguiu-se uma sonora gargalhada. Como? Seria uma catarse, um prazer advindo de um gozo desconhecido dele mesmo, estaria ele rindo de si ou

Revista Veredas

simplesmente gozando de seu desconforto com a situação? Isso não deixa de nos evocar, *a posteriori*, Nelson Rodrigues: *Perdoe-me por me traíres*.

Piródio: Piro > antepositivo de fogo. Pira: prova, sacrifício, queima: Dio, deus, aqui um particular da língua italiana, o que era também o sufixo do prenome de seu

Mônica Palácio – “A experiência clínica como limite” - X Jornada do Traço Freudiano - 4 -

Pyridium: medicamento derivado de piridina.

Temos aí de forma singela o trabalho homólogo ao que Lacan propõe na montagem e remontagem da palavra *gozo* em francês, isto é, *j o u i s s a n c e*. *Jouissance = gozo, jouir = gozar, j'ouïr = ouvir ou escutar, sens = sentido e sans = sem.*

Então *gozo, gozar, ouvir ou escutar, sentido e sem* derivam da *palavra-valise jouissance*, um condensado de funções fônicas, semânticas, gráficas e, somado a isso, é um conceito psicanalítico.

Podemos, sem muito risco, dizer que a palavra *gozo*, sendo uma expressão manifesta, tem em latência todas essas possíveis significações, dada a sua homofonia.

Com efeito, o gozo na nossa língua tem também uma série de latências diferentes. Não porta as mesmas homofonias, mas podemos observá-las no sentido e nas evocações. Uma mesma grafia poderá significar várias acepções: *o gozo como sexual; o gozo como desprezo; o gozo como ironia e sarcasmo; o gozo como posse no sentido jurídico constitucional etc.*

É por demais evidente que a transposição para nossa língua perde a pontualidade das homofonias, mas é o processo de composição que nos interessa e que é preservado, pois há um gozo que se traduz em *ouvir*, e ter de dar suporte ao dizer do Outro, como um *terceiro* que toma o sujeito no contra-pé. A palavra que se lhe impõe no lapso, uma substituição de *piródio* por *pirídio*, faz com que a presença do analista, para além de sua escuta, transforme-se em *olhar* que o desconcerta e que no seu afã de dizer desvela o que aí está como uma cifra que faz parte da cadeia simbólica que o governa, e que deve ser tomada por si, como um significante que se destaca, solta-se de suas conexões já dadas e busca outro enlace com o saber inconsciente, deslocando o sujeito para outro lugar daquele ao qual ele pensava estar falando. Ele pensava, **[eu penso]**, mas não era ali onde pensava que ele consistia **[logo sou]**, pois sua existência então faz-se *ex-sistência ao seu dizer*, e é dito de um outro lugar, de onde não sabia pensar que era pensado e se tornava juguete do próprio pensamento. É daí que ele irá prosseguir sua narrativa.

Essa referência pontual é sobretudo para acentuar a posição de escuta, a distribuição de lugares quando em relação transferencial, e as diversas funções que aí operam, que são sincrônicas e que não pressupõem nenhuma identidade fechada, mas uma abertura para possíveis construções.

Ao iniciar este trabalho com citação de Eduardo Coutinho sobre Guimarães Rosa, proponho-me acentuar a importância da referência textual, seja ela literária ou não,

Revista Veredas

sobretudo quando se trata de uma experiência radical como o é a leitura e escuta de um analista.

Guimarães Rosa leva a língua ao limite de sua expressividade, explorando suas virtualidades semânticas, léxicas e fonéticas, na criação de neologismos por decomposição e recomposição através de prefixos, sufixos, função e usos da linguagem falada, recorrendo a étimos populares e cultos, tupis, afro-brasileiros, de nossa língua, mas também de outras, cuja estrutura julga oportuna para sua expressão. Assim foi inclusive com a obra que o lançou como um grande escritor: *Sagarana*.

Palavra construída pela travessa e expressiva sufixação do nórdico saga, com a desinência indicadora dos coletivos, em tupi-guarani (rana).

Assim nos diz a filha escritora, Wilma Guimarães Rosa, em *Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai*.

Vejam os que o Alduisio chama de *cogito sertanejo*, do micro *Grande Sertão: Veredas*, que é *A hora e a vez de Augusto Matraga*.

(...) *Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua*, disse o padre para encorajar Nhô Augusto, o Matraga, morto-vivo na casa de Mãe Quitéria. E, aí, esperando sua hora e sua vez... ele abriu os braços em cruz e bradou:

– Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal! ... E minha vez há de chegar... P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!... ” (JGR, In *A hora e a vez de Augusto Matraga, Sagarana.*)

Visando inclusive ao tema de nosso próximo encontro da *Convergência: Inconsciente e presença do analista*, irei relatar aqui vários momentos pontuais de significantes trabalhando para a escansão do sujeito, forçando a elasticidade da língua à criação e invenção para dar conta do desejo de quem fala.

Todos conhecemos a expressão *filho da tradição*, histórias de famílias organizadas em torno de fatos, eventos e mesmo profissões. Mesmo assim não deixa de ser interessante quando encontramos isso literalmente, ou seja, como que a tradição desloca para um corpo e espírito uma projeção que se concretiza em vários níveis e às vezes várias gerações: *patronímico, profissão, opções sociais e amorosas, manias e estilos etc*, constituindo-se numa forma de designação do outro que poderá ser mesmo um puro efeito dessa trama. Não somente como uma sombra, mas um ser alienado sofrendo por não saber se desvencilhar de suas amarras familiares, mais precisamente aqui, de uma Mãe, que decidia o destino da família, que, mais que elemento identificatório, era forma diretiva e imperativa de uma existência, o que ela, minha analisante, dizia ser uma luta para *sobreviver*, tendo de ser diferente, ou seja, *ex-sistir* a essa Mãe. O que faz de seu caso importante para citar é justamente o fato que sua diferença incidirá sobre a profissão. Sendo profissional capaz, competente, não tolera o sucesso como se sobre ela pesasse uma interdição, como se lhe fosse proibido gozar de suas conquistas, pois... será que não seriam d’*Ela*, a *Mãe*? A

Revista Veredas

escolha da profissão fora-lhe imposta. Decidiu pela tradição familiar voltada para a engenharia e arquitetura, devotada às construções imobiliárias. Torna-se então *arquiteta* e se mantém como sombra da *Mãe*, esta uma artista notável. E aí a escansão se impôs:

Arquiteta: é um trabalho que lida com a harmonia do espaço e construções, mas escandido esse termo contém o *antepositivo arqui + substantivo teta*. É importante lembrar que seu prenome era uma sinonímia de um nome derivado do circuito familiar. Bem sabemos o quanto é difícil se desprender da *teta materna*.

Um jovem analisante vive às turras com a namorada por causa de aventuras com amigos depois de freqüentes partidas de futebol. Ela se sentindo abandonada ataca essas partidas que diz na verdade serem motivo de se agrupar para a farra: ele então, ao receber ameaça de ruptura do namoro, com um ar de muita convicção, afirma: *Eu não vou abrir mão de minha pelada*.

Pelada: nudez e gíria para definir pejorativamente uma partida de futebol, o que quer dizer, sem identificação dada pelo uniforme e o emblema do time.

Uma jovem analisante adolescente, diante da evidente fragilização de seu pai por uso imoderado de álcool, e das constantes críticas de sua mãe, encontra-se à deriva quanto a certas opções fundamentais de vida, já que diante de pólos identificatórios tão frágeis ela se interrogava sob a forma de fobias e angústias.

Sonha que estava perdida num *labirinto de casas de um condomínio* e que seu pai era o construtor, do... condomínio.

Um Pai, com domínio de tal labirinto, que poderia assim guiá-la diante dos obstáculos de sua fobia e na sua deriva.

Uma jovem senhora analisante, diante de uma crise pela falência financeira da família, fora obrigada a mudar de bairro, o que por sinal era seu desejo de longa data. Ao realizar a mudança, constata que o novo apartamento era excepcionalmente próximo do que sonhara, mas é tomada de uma intensa angústia. Ao lhe ser perguntado sobre o novo bairro, já que parecia ser de tamanha importância, ela disse:

Ilha do retiro. Parece que não havia sido uma *boa viagem* (nome do bairro de onde se mudara) a mudança para a *ilha do retiro*, que produzia um efeito inusitado, de um claustro que era bem o que caracterizava sua história.

Uma cliente, bem posicionada profissionalmente, trabalha em análise a elaboração do luto pela morte de seus pais, ocorrida em um tempo recente de sua existência. Vivendo atualmente um difícil momento de separação afetiva, com muito ódio pelo abandono e rejeição por parte de seu companheiro, diz o seguinte: *Eu vou dar-lhe um ultimato!*

Mato? De que *morte* estaria ela falando, já que em pleno trabalho de luto pela morte dos pais?

Revista Veredas

Um jovem analisante, que vive às turras com uma mãe invasiva e autoritária, chega à sessão profundamente irritado e conta de uma pane grave no seu computador. Sem esperar que lhe dissesse qualquer coisa, conclui: ***O problema é na placa mãe.***

Seria no computador ou em sua vida particular que deveria ***aplacar a Mãe?***

Mônica Palácio – “A experiência clínica como limite” - X Jornada do Traço Freudiano - 7 -

recorrente relação extraconjugal que, segundo ele, o faz oscilar entre o ***céu e o inferno***. Já no terceiro casamento não consegue abrir mão dessas aventuras com mulheres jovens que o encantam.

No curso do tratamento oscila entre projetos mirabolantes e tormentos que o atual caso lhe provoca, criando-lhe situações embaraçosas e às vezes obstáculos para seu trabalho. Ao me falar disso faz uso então de forma repetitiva do termo ***decantar***, aparentemente empregada de forma técnico-científica, para falar de seu trabalho. No entanto há uma clara invasão de seus problemas íntimos no contexto profissional, e mesmo uma exibição de seus feitos. A escansão então termina por se impor :

Cantar; encantar; desencantar, qual seria o verbo que estaria aí trabalhando?

Poderíamos estender em muito essa seqüência de exemplos, mas gostaria de enfatizar algumas questões dentre os citados. Primeiramente, podemos ver a questão primária de que não se trata de código gramatical nem dicionarizado. Trata-se de um ***tesouro de significantes*** que, com a escuta pela alteridade do analista, um lugar que se inscreve como outro, e que, ao fazer eco, refrata o que lhe é dito, produz uma escansão que pode dizer outra coisa que a intencionalidade do analisante comanda. Percebamos que se o sujeito, ao dizer, recebe do Outro sua própria mensagem invertida, o que se articula como questão posta por ele se situa no limite da linguagem, pois desconstrói seu código semântico, suas regras de composição, dando lugar a uma formulação cuja regra básica é a expressão do desejo, que pode então redirecionar o discurso, subvertendo suas regras – ***um adjetivo se faz verbo; uma gíria retoma o equívoco da nudez; um simples lapso não somente pontualiza um desejo de morte, como inclusive nos permite repensar uma outra leitura do cogito; uma profissão escolhida porta a cifra de uma sina da tradição familiar; nomes de lugares que são fonte de angústias; um substantivo que se faz verbo; um adjetivo que aparece como lástima mas que na verdade é uma exibição que se faz verbo etc*** – implicando que num dado momento de uma análise a linguagem falada opera como se fosse um código fechado ***biunívoco***, e disso ele padece já que só será capaz de lhe dar uma consistência imaginária. É função do analista por sua pontuação e interpretação abri-lo e tratá-lo como ***puros significantes***, cifrados por e para uma combinatória de equívocos, configurando então sua ***função simbólica***.

O que estamos chamando de limite? Sim, um limite subentende uma fronteira que marca uma pertença, e no caso que nos interessa o limite é a existência de ***ao-menos-um*** que rompe com um pressuposto, uma definição, ou mesmo com algo que temos de seguro por nos permitir uma identificação certa, cuja analogia a mais evidente é o sistema lexical

Revista Veredas

de uma língua, e que a prática da condução de um tratamento nos ensina ser a primeira ruptura a que temos de suportar e dar suporte na relação transferencial, com o que é chamado de regra fundamental.

Diga tudo o que lhe ocorrer, qualquer coisa, sem fazer censura intencional a qualquer que seja a forma ou conteúdo do que surge em sua fala. É evidente que a forma de enunciação da regra fundamental é diversa, mas o princípio é sempre o mesmo. Com essa regra assim posta como condição de um trabalho num tratamento, estamos convidando

Mônica Palácio – “A experiência clínica como limite” - X Jornada do Traco Freudiano - 8 -

ali se escrever. Para isso deverá se fazer *ao-menos-um* ao conjunto de elementos que o constitui em sua alienação, o que ele tem como sendo sua história, mas que na verdade hipoteca de seu desejo e o oprime em sua existência. Cabe ao analista abrir-lhe a possibilidade de uma nova escritura.

Essa é a *razão* da regra fundamental dada *a posteriori* pelo *cogito freudiano: lá onde isso era eu como sujeito devo advir*. Aí se situa o que estamos chamando de *limite*. *Escrever-se no campo e no desejo do Outro*, construindo seu arrimo. O que podemos condensar com uma inconclusa alusão: *que o analisante deverá fazer próprio de seu nome próprio, ao escrevê-lo, ali, por seu sintoma, em atos, na relação transferencial, já que esse é o pacto decisivo entre o traço unário, o significante e o sujeito.*

Referências:

COUTINHO, E. F. – GUIMARÃES ROSA, Fortuna Crítica, vol. 6, Editora Civilização Brasileira, 1991.

LACAN, J. – Função e Campo da fala e da linguagem. Escritos, Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. – A coisa freudiana. Escritos, Jorge Zahar, 1998.

GUIMARÃES ROSA, J. – A hora e a vez de Augusto Matraga. Sagarana. Editora Nova Fronteira, 1984.

GUIMARÃES ROSA, W. – RELEMBRAMENTOS : João Guimarães Rosa, meu pai. Editora Nova Fronteira, 1983.

SOUZA, A. M. – Precisoões Clínicas. Editora Sinodal, 2004.

Mônica Palácio
Avenida Domingos Ferreira 890, sala 602.
Empresarial Domingos Ferreira
E-mail : mpalacio@superig.com.br
Tels : (81) 91 11 33 81 – 34 65 87 40
